



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

As Relações da Vitimização na Adolescência em  
Meio Escolar com a Qualidade da Vinculação e as  
Práticas Parentais

Sandra Daniela Caseiro Mariano

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

**2015**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor António José dos Santos, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho da DGES, nº 19673 / 2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro, 2006.

## AGRADECIMENTOS

Na finalização desta etapa da minha formação, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que se tornaram essenciais.

Ao Prof. Doutor António José dos Santos, por me ter integrado no projeto de investigação, pelo apoio, compreensão e dedicação para que este trabalho se concretizasse.

À Professora Olívia Ribeiro, por todo o carinho, paciência e disponibilidade com que me recebeu e transformou as minhas ansiedades em ferramentas para prosseguir num caminho que, por vezes, se verificou tão obscuro.

Aos meus pais, que sempre acreditaram em mim e que conseguiria com todas as forças enfrentar “mais um desafio”. Sei que estes anos foram repletos de esforços e com toda a certeza vos posso dizer que esta dissertação é para vocês, é dedicado a tudo o que fizeram e fazem por mim.

À minha restante família, por terem tido sempre as melhores palavras de aconchego.

Às minha amigas, pelos momentos de angustia partilhados e risadas para que se tornassem um pouco mais atenuados.

A quem não esteve “fisicamente” comigo mas que me fez sentir a sua força. Estarão sempre comigo!

## RESUMO

A adolescência é uma fase do desenvolvimento que acarreta grandes transformações sendo portanto, pertinente investigar de que forma a família pode influenciar a maneira como os adolescentes se posicionam nas relações interpessoais e os comportamentos que apresentam em grupo. Neste sentido, torna-se interessante analisar, de forma mais concreta, de que maneira o fenómeno da Vitimização pode ser influenciado pela qualidade de vinculação e das práticas parentais. Pretendeu-se comparar a vitimização entre os três grupos de adolescentes (Vitimizados Não-Agressivos, Vitimizados Agressivos e Grupo de Controlo) e também compreender se existiam diferenças entre sexo para cada uma das variáveis em estudo.

Fizeram parte do estudo 521 adolescentes, com idade média de 14 anos, que frequentavam predominantemente o 8º ano de escolaridade de duas escolas na zona da grande Lisboa. Os instrumentos utilizados foram o KSS (Kerns Security Scale), ECP - Extended Class Play e o CRPR-Q (Child Rearing Practices Report-Questionnaire).

Os resultados obtidos indicam que os adolescentes Vitimizados Agressivos e Não-Agressivos são percebidos pelos seus pares como mais excluídos e tímidos/retirados do que os do Grupo de Controlo. Também se verificou que os adolescentes Vitimizados Agressivos e Não-Agressivos diferem do Grupo de Controlo relativamente à segurança da vinculação, quer ao pai quer à mãe, apresentando valores mais baixos nesta dimensão. Por último, os jovens Vitimizados Agressivos mostram tendencialmente uma maior percepção de restritividade nas práticas parentais exercidas por parte do pai. Estes resultados mostram a importância de se perceber melhor a influências da família nas dificuldades de ajustamento dos jovens.

Palavras-Chave: Qualidade de Vinculação; Adolescência; Práticas Parentais; Vitimização

## ABSTRACT

Adolescence is a stage of development that entails major changes, therefore it is important to investigate in which ways can a family influence how teenagers are positioned in interpersonal relationships and their behaviours within a group. In this sense, it becomes interesting to analyse, in a more concrete way, how can the victimization phenomenon be influenced by the quality of attachment and parenting practices. It was intended to compare victimization among three different groups of adolescents (victimized not-aggressive, victimized aggressive and the control group) and also to understand if there were differences between sex for each of the variables under study.

521 adolescents made part of this study, with an average of 14 years old, that predominantly attended the eighth grade in two schools located in Lisbon. The used work tools were: KSS (Kerns Security Scale), ECP - Extended Class Play e o CRPR-Q (Child Rearing Practices Report-Questionnaire).

The results indicate that the victimized aggressive and not-aggressive adolescents are understood by their peers as more excluded and shy/withdrawal than the adolescents from the the control group. It is also shown that the victimized aggressive and not-aggressive adolescents differ from the control group regarding the security of the attachment, to either father or mother, resulting in lower values in this dimension. Finally, the victimized aggressive adolescents tend to show a greater sense of restrictiveness in parental practices exercised by the father. This results show the importance of better understanding the family influences in the difficulties young people have in their adjustment.

Key-words: Quality of Attachment; Adolescence; Parenting Practices; Victimization.

## ÍNDICE

Agradecimentos .....	III
Resumo .....	IV
Abstract .....	V
1. Revisão de Literatura .....	1
1.1 Funcionamento Social .....	1
1.1.1 Retraimento Social .....	1
1.1.2 Agressividade e Vitimização .....	2
1.1.3 Exclusão .....	4
1.1.4 Comportamento Pró-Social .....	5
1.1.5 Sociabilidade/Popularidade .....	5
1.2 Adolescência .....	5
1.2.1 Família .....	5
1.2.2 Pares .....	7
1.3 Vinculação .....	7
1.3.1 Vinculação na Adolescência .....	11
1.4 Estilos Parentais .....	12
1.5 Práticas Parentais .....	15
1.6 Questões de Investigação .....	17
2. Metodologia .....	18
2.1 Participantes .....	18
2.2 Instrumentos .....	18
2.3 Procedimento .....	20
3. Resultados .....	21
4. Discussão .....	31
5. Referências .....	36

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 .....	21
Tabela 2 .....	22
Tabela 3 .....	23
Tabela 4 .....	24
Tabela 5 .....	24
Tabela 6 .....	25

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 .....	27
Figura 2 .....	28
Figura 3 .....	29
Figura 4 .....	30

## 1. REVISÃO DE LITERATURA

### 1.1. Funcionamento Social

O funcionamento social entre pares compreende diversos comportamentos ligados com condutas pró e anti-sociais, nomeadamente a Agressividade, a Timidez/Retraimento, a Vitimização, a Exclusão, os Comportamentos pró-sociais e a Sociabilidade ou Popularidade. Todos estes aspectos do funcionamento social influenciam a interacção num determinado contexto. Contudo, no caso específico do nosso estudo vamos dar maior relevância à Vitimização, sendo que posteriormente, na parte do estudo empírico, a Vitimização foi subdividida em Vitimizados Não-Agressivos e Vitimizados Agressivos pois a vitimização tem características e consequências diferentes consoante o adolescente é agressivo ou não.

#### 1.1.1. Retraimento Social

São diversos os termos utilizados para referir o retraimento social nomeadamente, isolamento, evitamento social, timidez e inibição. Algumas das causas estão relacionados com o facto de as crianças se retraíam por medo ou ansiedade ou simplesmente por preferirem estar sozinhas e aí já se está perante um desinteresse social (Rubin & Coplan, 2004). A criança retraída pode ser rejeitada pelos seus pares por apresentar alguma ansiedade social ou porque o seu comportamento é visto como prejudicial para o grupo (Rubin, Coplan & Bowker, 2009).

É importante distinguir retraimento social de isolamento social. O isolamento social é caracterizado pela ausência de relações sociais e de contacto com outras pessoas. No caso do retraimento social, este refere-se à retirada passiva do grupo de pares, sendo esta efectuada pelo próprio sujeito e por sua vontade. Está ligada com a timidez, medo ou ansiedade (Rubin & Mills, 1988).

No isolamento activo está patente um isolamento do grupo de pares devido a situações de rejeição ou de vitimização. Aqui o sujeito não se isola mas é isolado. Rubin e Coplan (2004) referem que no isolamento social existe uma menor interacção com o grupo de pares e isso deve-se a factores externos ao sujeito. Esses factores podem estar relacionados com a agressividade, impulsividade ou imaturidade e, como isso acaba por não agradar o grupo de pares, estes afastam-no. Relativamente ao isolamento passivo, é o sujeito que se afasta do grupo de pares. Este comportamento de isolamento pode estar associado a sentimentos de medo e ansiedade, ou preferência por participar em actividades sozinho.

### 1.1.2. Agressividade e Vitimização

Dan Olweus foi pioneiro na investigação sobre a agressão entre pares e fez com que este passasse a ser um problema relacionado com a psicologia. É de referir que na literatura é referido como *bullying* devido à dificuldade de tradução desta palavra para uma com o mesmo significado na língua portuguesa (Carvalhosa, Lima & Matos, 2002).

Dan Olweus (1994) definiu Bullying como um comportamento composto por ações negativas praticadas por um individuo ou mais sobre outro, repetidamente e ao longo do tempo. É um fenómeno que além de descrever comportamentos agressivos e pode estar também intimamente relacionado com a vitimização entre pares.

Existem várias formas de violência: a violência física, onde predominam as agressões (por exemplo bater ou dar pontapés) sendo mais frequente nos rapazes do que nas raparigas; a violência psicológica, que inclui perseguir ou ameaçar; a violência verbal, que consiste em atormentar devido às suas diferenças físicas, intelectuais, raciais ou sexuais; a violência sexual ligada ao abuso e ao assédio sexual e a violência social ou exclusão que está relacionado com o ignorar, excluir e isolar a vítima (Olweus, 1994).

Segundo Boulton e Smith (1994), a vítima é alguém com quem frequentemente implicam, ou lhe batem, ou a aborrecem, ou fazem outras coisas desagradáveis sem razão (Carvalhosa, Lima & Matos, 2002). Normalmente, são crianças ou jovens emocionalmente e fisicamente incapazes de se defenderem ou de reagirem, são mais ansiosas, inseguras, receosas, sensíveis e calmas. Quando são agredidos tendem a reagir com choro ou isolando-se (Olweus, 1994). Também têm menos amigos (Olweus, 1994) têm maior dificuldade em fazer amigos porque sofrem rejeição ou exclusão por parte dos pares (Carvalhosa, Lima & Matos, 2002). As principais características das vítimas são baixa autoestima, pouca assertividade, ansiedade, são reservados e pouco populares, sofrem de isolamento social, são considerados fracos e cobardes pelos colegas.

A vitimização entre raparigas ocorre mais sob a forma de agressão indirecta ou relacional que engloba a exclusão, difamação, ignorar, falar mal (Olweus, 1997) e produz efeitos mais prejudiciais para o individuo do que a agressão directa.

A vitimização está relacionada com a exclusão (Olweus, 1994). Contudo, a vitimização consiste em ser alvo de agressão física ou verbal por parte dos pares (Buhs, Ladd, & Herald-Brown, 2010 citado por Correia, Santos, Freitas, Rosado & Rubin, 2014).

O grupo de pares facilita o desenvolvimento de aptidões e a partilha de emoções e problemas. Contudo, nem sempre a entrada ou a pertença a um grupo de pares é fácil e temos que ter em conta a aceitação e a rejeição (Medeiros, 2000). Piaget (192) defendeu que a exposição a conflitos no grupo de pares e a oportunidade de negociação social ajudam as crianças na aquisição e desenvolvimento de competências (Ferreira, Santos, Ribeiro, Freitas, Correia & Rubin, 2013).

O facto de algumas crianças brincarem sozinhas ou interagirem pouco com o grupo de pares pode estar relacionado a problemas sociais e sociocognitivos (Rubin, 1982 citado por Ferreira, Santos, Ribeiro, Freitas, Correia & Rubin, 2013), nomeadamente, comportamentos de inibição social. Segundo Matos (2008) a menor popularidade leva o adolescente a isolar-se cada vez mais, diminuindo assim as suas hipóteses de aceitação por parte dos pares.

A vitimização parece estar relacionada com o tempo que se passa fora de casa e pelos controlos mais apertados ou mais liberais que as famílias exercem (Ferreira, 1997). As vítimas tendem a pertencer a famílias que utilizam a restrição e o excesso de protecção. A excessiva protecção revelou-se uma causa uma vez que os pais podem limitar as oportunidades do adolescente vir a desenvolver amizades e as amizades servem como um factor de protecção contra a vitimização (Healy, Sanders & Iyer, 2015). As crianças submissas e rejeitadas são normalmente preferenciais para os agressores (Olweus, 1994). Um menor envolvimento parental, afecto, apoio e controlo excessivo estão associados à probabilidade de ser vitimizado (Williams, 2011). Graziano et al (2010) constataram que o excesso de controlo previu uma menor capacidade para a regulação de emoções negativas (Healy, Sanders & Iyer, 2015).

No geral, as crianças e adolescentes que são tímidos e retraídos estão em risco de ser vitimizados, excluídos ou rejeitados. Estas crianças não conseguem envolver-se em trocas mútuas de “dar e receber” devido às suas ansiedades e insuficiência interpessoal e isto consideram-se essencial para estabelecer a amizade. Bowker, Rubin & Burgess (2006), referiram que as crianças retraídas e os seus melhores amigos são mais vitimizados. Uma vez que existe uma tendência para escolher pares semelhantes a si, pode ser que esta semelhança nas dificuldades sociais permita ajudar-se mutuamente e começar a criar algumas habilidades nas interacções (Rubin, Bowker & Gazelle, 2010).

Uma vinculação segura protege a adolescente de ser sujeito à vitimização; uma vinculação insegura-evitante pode desenvolver estilos de relacionamento agressivos com os

pares e na vinculação insegura-resistente, os adolescentes tem maior probabilidade de serem vitimizados (Ozen & Aktan, 2010).

### 1.1.3. Exclusão

A investigação sobre exclusão não é considerada fácil, visto ser um conceito com uma definição pouco clara e existirem vários termos a ele associado. Ainda assim, enumeramos algumas considerações no decorrer da revisão de literatura.

A exclusão pode-se apresentar de diferentes formas nomeadamente, a exclusão absoluta (por exemplo "Não, tu não podes jogar connosco"), a indireta (afastando-se ou ignorando) ou adoptar comportamentos como não convidar (Wainryb, Komolova & Brehl, 2014).

Emboras as razões para a exclusão sejam variadas, no estudo de Wainryb, Komolova & Brehl (2014) os motivos para quem excluía estavam relacionadas com preferências pessoais e não gostar. As vítimas de exclusão referiam que o motivo de serem excluídas se devia à composição ou ao funcionamento do próprio grupo, não salientando como motivo as suas próprias características. Os tipos de comportamentos de exclusão variam consoante a idade. Dos 12 aos 17 anos a exclusão implicava ignorar, não envolver alguém numa conversa ou não convidar para determinada atividade planeada.

A teoria da vinculação indica que a exclusão leva a procurar conforto na figura de vinculação. Quando a internalização de figuras apoiantes não está disponível, os indivíduos utilizam estratégias de desactivação das mesmas de forma a reduzir a sua angústia (Maxwell, Spielmann, Joel & MacDonald, 2013).

Adolescentes tímidos ou retraídos estão mais vulneráveis de serem excluídos (Rubin, Bowker & Gazelle, 2010). Adolescentes agressivos ou retraídos sofrem muitas vezes de vitimização e exclusão (Rubin, Coplan & Bowker, 2009). Algumas pesquisas demonstram que a exclusão de pares é uma forma mais disfarçada da rejeição (Menzer, Oh, McDonald, Rubin, Dashiell-Aje 2010). A vitimização é mais aceitável para os rapazes do que para as raparigas. Da mesma forma, a exclusão é mais aceitável para as raparigas do que para os rapazes (Rubin, Coplan, e Bowker, 2009).

#### 1.1.4. Comportamento Pró-Social

Os comportamentos sociais podem ser manifestados de forma positiva ou negativa. Os comportamentos pró-sociais que são comportamentos de ajuda ou benefício dirigidos a outros indivíduos são considerados positivos e os comportamentos anti-sociais que incluem agressões ou ameaças são considerados negativos (Saud & Tonelotto, 2005). A manifestação de comportamentos pró-sociais funciona como um fator de proteção relativamente à vitimização (Calbo, Busnelo, Rigoli, Schaefer & Kristensen, 2009).

#### 1.1.5. Sociabilidade/Popularidade

A popularidade representa o prestígio e o poder que determinado sujeito tem no grupo de pares. Existem algumas características que são valorizadas pelos pares, como é o caso do aspecto físico, a quantidade de amigos que essa pessoa possa ter, o seu papel no grupo de pares e, também o facto de poder ser mais protegido de eventuais agressões físicas ou relacionais, que acabam por tornar um adolescente mais ou menos popular.

### 1.2. Adolescência

A adolescência é caracterizada pela busca de identidade, pela instabilidade emocional e contestações, principalmente familiares. Quando os adolescentes conseguem formar a sua identidade, adquirem confiança em si próprios desenvolvendo a autonomia (Erickson, 1972). A formação desta identidade está ligada com a maneira como conseguem identificar os diferentes aspectos da sua personalidade. Nesta fase, o adolescente começa a compreender aquilo que é enquanto sujeito, no que acredita e o que quer fazer no futuro. A adolescência engloba uma série de características psicológicas, manifestações de comportamento e adaptação social que são derivadas da cultura em que os sujeitos estão inseridos (Levisky, 1998).

#### 1.2.1. Família

A família é considerada o principal contexto de socialização e é muito importante para o desenvolvimento das crianças. É aqui que se realiza a interação entre o indivíduo, a família e o contexto social, onde são partilhadas oportunidades, definidas regras e limites para o que se considera expectável e admissível num determinado ambiente social.

Segundo Leal (2005), a família vai permitir desenvolver intelectual, afectiva e socialmente a criança, a ter uma representação de si própria, a desenvolver a auto-estima, a

controlar as emoções. Mas para isso a família precisa de ter “uma casa” (Freud, A.), ser “contentora” (Bion), um “meio facilitador” (Winnicott), para dar “uma base segura” (Bolwby), com uma mãe “suficientemente boa” que esteja numa “preocupação materna primária” (Winnicott), com bons momentos de holding e de handling oferecendo, quando necessário, o “object presenting” para estimular a criança. A família é a ponte entre o interior e o exterior, entre o Eu e o Outro. É considerado o primeiro grupo onde a criança vai estruturar a sua personalidade (Leal, 2005).

Os pais acabam por ter influência nas relações das crianças com os pares. McDowell e Parke (2009) nomeiam três maneiras como isto acontece. A teoria da vinculação e a teoria da aprendizagem social salientam que as interações entre pais e filhos moldam a maneira como a criança se vai relacionar com os outros. Uma interação de qualidade entre ambos desenvolve capacidades sociais e emocionais necessárias para o relacionamento com os pares; a mediação por parte dos pais em proporcionar estratégias e soluções adequadas aos problemas sociais das crianças e a oportunidade destas se tornarem autónomos, na medida em que têm de ter o espaço e tempo adequado para que elas próprias se tornem activos na resolução dos seus próprios problemas sem ter de depender dos pais (Healy, Sanders, Iyer, 2015).

A ruptura dos laços emocionais com a sua família e a entrada numa nova etapa da vida, são umas das experiências mais intensas para o sujeito. Blos (1985) salienta que o processo de individuação na adolescência é muito complexo, sendo conduzido por sentimentos de isolamento e solidão. Além disso, esta fase é marcada pela compreensão do final da infância e da limitação da própria existência individual. Durante a adolescência, os pais devem continuar a impor responsabilidades, estabelecer limites e monitorizar as actividades. Contudo, à medida que o adolescente cresce, os pais devem exercer menos o controlo e apelar à negociação e compreensão de determinados comportamentos para que possa ser gerado um ambiente de maior autonomia para com o adolescente (Brown, Lamborn, Mounts & Steinberg, 1993). A regulação das emoções é a principal função dos pais na idade da adolescência pois estes servem como base de segurança emocional a partir do qual os adolescentes podem explorar os estados emocionais que surgem no decurso do seu processo de individualidade. Se o adolescente estiver satisfeito com o seu ambiente familiar, se se sentir apoiado e reconfortado irá, provavelmente, tornar-se mais seguro de si e com capacidade para estabelecer relações mais alargadas do que aquelas a que estava habitualmente reservado.

Posto isto, será então o núcleo familiar a única influencia nesta etapa de vida ou, o grupo de pares também terá aqui um papel preponderante?

### 1.2.2. Pares

As relações entre pares têm igualmente um papel importante no desenvolvimento das crianças. Estas relações interpessoais ajudam a adquirir novas habilidades sociais e a ter noção das normas envolvidas na interacção nomeadamente, lidar com a atenção conjunta, regular as emoções, conter impulsos, tomar consciência das ações de outras crianças e compreender relações causa-efeito.

As interações entre pares tornam-se mais complexas e o tempo despendido em interacção passa a ser cada vez maior. Coimbra de Matos (2002), considerou a “crise da adolescência” como o período evolutivo em que se processa a mudança de objecto de amor: dos pais para o grupo de pares. Os adolescentes separam-se, progressivamente, dos modelos iniciais e investem em novos modelos. Contudo, por um lado estão os adolescentes que se desligam completamente dos pais e por outro, estão os que permanecem ligados e se tornam incapazes de estabelecer laços com outras pessoas (Bowlby, 1990). Este é um passo essencial e relevante pois, cada adolescente deve ser capaz de percorrer o seu caminho apesar de não romper por completo os seus laços com a família, apenas altera as suas relações e passa a ter outros significativos para além dos pais que o ajudarão na conquista da sua individualidade, autonomia e independência.

O facto de existir uma partilha de amizade parece servir de protecção face às dificuldades sociais e emocionais mas, mesmo assim não as evita completamente (Bowker, Rubin, Burgess, 2006).

### 1.3. Vinculação

Segundo Sá (2009), a família é, para a grande maioria das crianças, o primeiro quadro de desenvolvimento, o primeiro lugar de vida, das primeiras emoções, das primeiras trocas, das primeiras aprendizagens. As primeiras experiências de vinculação constituem o protótipo dos laços de amor cujo modelo fica presente em cada um de nós para sempre. Caso existam situações de abandono, rejeição ou indisponibilidade, passa a existir núcleos que contêm a violência, o medo e o desespero (Sá, 2009).

A teoria da vinculação nasce das observações realizadas por John Bowlby e Mary Ainsworth (Bretherton, 1992). Um dos principais objetivos de Bowlby na teoria da vinculação foi manter as ideias de Freud sobre os relacionamentos e o desenvolvimento. Estas ideias incluíam a complexidade social, cognitiva e emocional ligada à infância; as semelhanças das relações íntimas tanto na infância como na idade adulta; e a importância da experiência precoce (Waters, Merrick, Treboux, Crowell & Albersheim, 2000). Assim, Bowlby propõe que a qualidade da relação entre a criança e a figura de vinculação vai influenciar as relações futuras.

A relação de vinculação envolve um laço afectivo estabelecido nos primeiros 8 meses de vida que faz com que a criança se sinta ligada a uma ou mais figuras estáveis ao longo da vida (Bowlby, 1990). A figura de vinculação serve como base segura, ou seja, quando existe uma ameaça o cuidador serve de apoio e assegura que a criança pode explorar o meio com o conhecimento de que ele estará disponível para ajudar e apoiar. Quando se sente angustiado, a figura de vinculação serve como um porto seguro, é como se fosse um conforto que ajuda a acalmar a criança de forma eficaz (Maxwell, Spielmann, Joel, MacDonald, 2013). Quando a criança se sente ameaçada ou insegura, vai através do seu comportamento de vinculação tentar encontrar segurança na figura de vinculação, as crianças que se sentem seguras utilizam a figura de vinculação apenas como base para explorar o meio envolvente (Ainsworth et al. 1978; Kerns, Schlegelmilch, Morgan e Abraham 2005 citado por Simões, Farate, Pocinho, 2011).

Existem quatro fases de desenvolvimento na vinculação. A primeira fase surge durante a 8<sup>a</sup>/12<sup>a</sup> semanas de vida, os bebés demonstram interações com a figura de vinculação de forma involuntária (Soares, Martins & Tereno, 2009). Reagem a estímulos de maneira a estabelecer contato com os cuidadores.

A segunda fase diz respeito aos sinais dirigidos a uma ou mais figuras. O bebé vai ter comportamentos diferentes face às pessoas, nomeadamente, sorri, emita vozes ou sons para quem ele quer e quando quer. É capaz de discriminar as pessoas e fá-lo, essencialmente, com a mãe (Soares, Martins & Tereno, 2009).

Na terceira fase, entre os seis/sete meses de idade até aos dois anos, prevalece a manutenção da proximidade com a figura, através da locomoção e de sinais. A criança torna-se mais próxima do seu principal prestador de cuidados (Soares, Martins & Tereno, 2009).

Por último, a quarta fase, o bebé observa o comportamento do outro, entende e organiza os seus objetivos (Soares, Martins & Tereno, 2009). Os modos preferidos para a criança atingir os seus objetivos são: as discussões, a partilha e a negociação. Começam a sentir menor necessidade de estar com a figura de vinculação.

Foi através da “Situação Estranha” proposta por Mary Ainsworth e seus colaboradores (1978), que teve o objectivo de analisar os comportamentos das crianças face à separação da figura de vinculação e, posteriormente, à sua reunião, que foi identificado vários padrões de respostas relativos a esta situação. Ainsworth considerou que o comportamento das crianças pode ser classificado em três padrões de vinculação: seguro, inseguro/evitante e inseguro ambivalente/resistente (Ainsworth & Bowlby, 1991).

O padrão de vinculação seguro, tem como base a procura da figura de vinculação de forma a adquirir bem-estar e onde esta satisfaz as suas necessidades. Neste padrão as crianças utilizam a figura de vinculação, como suporte para explorar o meio, confiando no seu apoio, mas apenas se for necessário (Lee & Hankin, 2009). Este tipo de padrão proporciona uma melhor qualidade e conforto nas relações com os pares, apresentando maior auto-estima, autocontrolo, auto confiança (Soares, Martins & Tereno, 2009). O que acontece neste padrão é basicamente, um momento lúdico no qual não havendo a presença da figura de vinculação, a criança também não a procura constantemente. Quando há separação a criança sente a sua falta e, quando ela regressa, sorri, dirige-se ou vocaliza; se ficou contrariada, procura o contacto físico com a figura de vinculação e quando é reconfortada, retorna ao momento lúdico.

O padrão inseguro/evitante está relacionado com o evitamento da figura de vinculação, ou seja, a criança demonstra mais interesse pela exploração do meio do que pela figura de vinculação, afastando-se deste. Sente dificuldade em procurar a figura de vinculação como suporte de apoio e resiste ao contacto com os cuidadores quando há uma separação (Lee & Hankin, 2009). Por norma, choram muito mas, choram menos quando a figura de vinculação não está (Ainsworth & Bowlby, 1991). Como neste padrão o cuidador se mostra indisponível para satisfazer as necessidades da criança, esta não procura uma relação de proximidade nem de apoio (Soares, Martins & Tereno, 2009). Contrariamente ao padrão seguro, aqui verifica-se que a criança não fica angustiada mediante a separação e, quando a figura de vinculação regressa, ela reprova. Apenas se preocupa com o momento lúdico, não apreciando a demonstração de afecto por parte do seu cuidador.

Quanto ao padrão inseguro ambivalente/resistente a figura de vinculação não é consciente da sua responsividade. As crianças exibem comportamentos de reconciliação ou evitamento, através da irritabilidade, protesto ou apatia. Quando são separadas da figura de vinculação não apresentam angústia e, não procuram contato (Lee & Hankin, 2009). Não exploram activamente o meio. Quando a figura de vinculação regressa e, embora esteja junto dela, a criança mostra-se zangada e rejeita o contacto com o cuidador. Não é acalmada por estranhos e são crianças pautadas por sentimentos de ansiedade pois a disponibilidade da figura de vinculação não é consistente. Pode-se até dizer que não encontram conforto junto do seu prestador de cuidados.

Mais tarde, surgiu um outro padrão onde os comportamentos de vinculação não se enquadram, nos grupos anteriores. Foi denominado de padrão desorganizado/desorientado e está relacionado com as crianças inscritas em populações de risco ou crianças com comportamentos incongruentes e com sinais perturbadores. Neste padrão está patente o medo do cuidador no contacto com estas crianças.

Embora a mãe tenha uma função predominantemente expressiva pelo seu cuidado e afecto, no início da vida do bebé tem também um papel instrumental, pois ao atender às necessidades básicas, também ajuda o bebé a sentir-se objecto desses cuidados, ou seja, a delinear a consciência de si próprio. No caso do pai, tem uma função instrumental em que procura estimular a criança na aquisição de competências para se adaptar ao meio social. Quando está perante um filho, o pai tem uma função mais instrumental, ou seja, prepara para a resolução de problemas e adaptação ao meio exterior. Por outro lado, quando é uma filha a sua função é expressiva onde predomina a admiração, elogios e reforça a sua capacidade de sedução (Malpique, 1990). Uma relação de vinculação segura ao pai (não à mãe), estava relacionado com baixa agressividade no grupo de pares. Uma das explicações para isto poderá estar relacionada com o facto de os pais interagirem com os seus filhos através de brincadeiras, enquanto as mães têm uma relação na base de cuidar. Os pais tendem a ter brincadeiras mais adaptativas, eles acabam por estabelecer limites adequados entre a brincadeira em si e o significado da agressividade (Booth-LaForce, Oh, Rubin, Rose-Krasnor, Burgess, 2006). Já as mães interagem através de jogos simbólicos (Langlois & Downs, 1980; Tamis-LeMonda & Bornstein, 1991) e estão mais disponíveis emocionalmente (Volling et al., 2002 citado por Faria, Santos & Fuertes, 2014).

Mary Ainsworth (1978), introduziu dois conceitos muito importantes na teoria de vinculação. Um deles foi o conceito de sensibilidade que define a capacidade da figura de

vinculação perceber e interpretar os sinais/comunicação da criança. Esta sensibilidade materna terá um papel fundamental no desenvolvimento dos padrões de vinculação (Bretherton, 1992). O outro conceito foi o de responsividade que se relaciona com o facto de responder de forma adequada e contingente às necessidades da criança (Leal, 2005). Crianças com cuidados responsivos e vinculação segura têm maior competência social (Veríssimo, Fernandes, Santos, Peceguina, Vaughn, & Bost, 2012) são também mais afectivas, empáticas e gerem melhor as suas emoções e os seus impulsos (Bowlby, 1988).

Piaget refere que o sujeito age num mundo relacional, numa plena interacção com os outros, nunca sendo um sujeito isolado e os significados simbólicos que são construídos advêm dessa mesma interacção (Veríssimo & Santos, 2008). Com base nas interacções com os seus cuidadores e através da observação do comportamento dos outros, a criança vai construindo modelos internos dinâmicos sobre a maneira como as figuras de vinculação reagem aos pedidos das suas necessidades, a sua capacidade de pedir ajuda e o seu valor pessoal. Portanto, começam desde cedo a desenvolver um modelo de representação que tem como base características associadas à disponibilidade, à sensibilidade e à responsividade. Estes modelos auxiliam na maneira de perceber e de se comportar nas suas relações interpessoais. Assim, começa a formar um modelo de si e do outro. O modelo que forma de si corresponde a uma imagem de si como sendo merecedor de amor e o modelo do outro como a percepção que tem dos outros estarem atentos ou não às suas necessidades (Leal, 2005).

### 1.3.1 Vinculação na Adolescência

Na literatura, nomeadamente, os estudos de (Hamilton, 2000; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000) referem que a segurança na figura de vinculação pode ser estável desde a infância até à adolescência (Waters, Weinfield & Hamilton, 2000). Para Bowlby (1973), a vinculação às figuras significativas continuam a ser de grande importância desde a pré-adolescência até ao início da idade adulta, embora os relacionamentos com os progenitores passem por algumas modificações.

Durante a adolescência a vinculação aos pais sofre uma mudança e outras figuras podem começar a assumir uma importância igual ou superior às figuras de vinculação. Contudo, e caso estas relações de vinculação aos pais tivessem sido suficientemente seguras, servirão de base como exploração de outras relações e de aquisição de novos conhecimentos, aprendizagens e conquista de autonomia como já o foram em fases anteriores. Esta qualidade

de vinculação acaba por influenciar as relações futuras, neste caso mais concreto do nosso estudo, as relações com os pares. Assim, as crianças com vinculação segura tendem a responder com emoções positivas às iniciativas dos pares e as crianças com vinculação inseguras têm mais problemas de isolamento (Bowlby, 1988).

É de salientar, que os modelos internos dinâmicos, têm influência na escolha do grupo de pares pois parece existir uma busca de características significativas de si nos outros (Holmes, 2001 citado por Rocha, Mota e Matos, 2011).

Segundo Ainsworth (1991) uma vinculação segura proporciona o desenvolvimento da autonomia e a capacidade para estabelecer relações próximas. Adolescentes com vinculação segura são caracterizados pela possibilidade de se tornarem autónomos e avaliam as suas relações parentais como afectuosas, com possibilidade de discutir desacordos num contexto harmonioso e apoiante, isto incute uma percepção positiva de si demonstrando maior disponibilidade no estabelecimento de relações com os pares. No caso de adolescentes impossibilitados de se desenvolverem de forma autónoma, constroem imagens dos outros enquanto não disponíveis ou inconsistentes na sua prestação de cuidados. Consequentemente, este padrão relacional pode enviesar os relacionamentos com pares (Rocha, Mota e Matos, 2011).

Relativamente, aos padrões de vinculação inseguro, as reconstruções da fase de adolescência fazem reviver falhas pelas quais os sujeitos foram perpetuados sendo estas vistas como uma ameaça à construção de outras relações. Neste caso o que aconteceu foi que os adolescentes foram constantemente expostos a procedimentos de evitamento e negação o que acabou por lhes causar uma inconstância de modelos, internalizando as figuras de vinculação como não estando presentes nem apoiando e como tal as suas relações futuras levaram em linha de conta este sentimento. O adolescente que receia explorar o meio e “partir” é aquele que não tem interiorizado para onde voltar. As figuras de vinculação foram percebidas como indisponíveis e ele tem medo de não as voltar a encontrar caso ele se ausente.

#### 1.4. Estilos Parentais

Embora não seja propriamente a variável que pretendemos estudar é de referir que inicialmente será abordada como forma de eclodir as práticas parentais pois, como aponta a literatura, ambas estão intimamente ligadas.

Os estilos parentais, ou seja, a maneira como os pais educam, a supervisão que exercem, a comunicação que estabelecem e o afeto transmitido aos filhos, são essenciais no desenvolvimento psicossocial das crianças e adolescentes (Oliveira, Siva, Yoshinaga & Silva, 2015)

Baumrind (1966) propôs um modelo de classificação dos pais com três estilos: autoritativo ou autorizante, autoritário e permissivo (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

Pais com um estilo autoritativo/autorizante tentam direcionar as atividades de maneira racional; incentivam o diálogo, compartilhando com a criança o raciocínio por detrás da forma como eles agem; exercem controlo sem restringir a criança (Baumrind, 1966) são afectuosos; estimulam a comunicação aberta e as trocas verbais; promovem a autonomia e individualidade; reconhecem tanto os seus direitos como os direitos das crianças; têm altos níveis de controlo e responsividade (Baumrind, 1967)

No caso de pais com estilo autoritário, estes regulam, controlam e avaliam o comportamento da criança de acordo com regras absolutas; são a favor de medidas punitivas (Baumrind, 1966) apresentam baixo afecto e elevado controlo, nomeadamente o controlo psicológico e restritividade; valorizam a obediência e não existe espaço para trocas verbais; não promovem a autonomia e individualidade dos filhos (Baumrind, 1967).

Os pais com estilo permissivo, evitam a punição e são receptivos aos desejos dos filhos; acabam por servir como um recurso para realização desses desejos e não como um modelo para o seu comportamento (Baumrind, 1966) evitam exercer autoridade e impor controlo; permitem à criança regular o seu comportamento; utilizam poucas regras de rotina; têm uma comunicação pouco eficaz e não estimulam a maturidade (Baumrind, 1967).

Mais tarde, Maccoby e Martin (1983) distinguiram os estilos parentais em função de duas dimensões: exigência e responsividade. A responsividade diz respeito ao reforço contingente, controlo ou sensibilidade das necessidades da criança. São acções que estimulam a individualidade, a auto-regulação e a auto-afirmação, caso o contexto familiar se revele apoiante e harmonioso. A dimensão exigência está relacionada com as exigências que as figuras parentais fazem em relação à criança -supervisão e disciplina (Cardoso e Veríssimo, 2013).

Deste facto resultou um outro estilo parental denominado estilo parental negligente. Aqui os pais são pouco disponíveis para responder às necessidades da criança e pouco

autoritários. Exercem pouco controlo e há uma inconstância no afecto e indisponibilidade emocional (Calheiros, Garrido, Santos, 2011).

Tendo como base estas duas dimensões sobressai o facto de os pais autoritários serem exigentes e não responsivos; pais permissivos serem responsivos e não exigentes; os pais autoritativos serem exigentes e responsivos; os pais negligentes não serem nem exigentes nem responsivos (Maccoby & Martin, 1983 citado por Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004).

As crianças cujos pais empregam um estilo autoritário tendem a ser apreensivas, receosas, inseguras, dependentes, socialmente inibidas e com dificuldade na regulação emocional. O estilo parental autoritativo promove resultados favoráveis no desenvolvimento das crianças, têm menos problemas de comportamento, ansiedade, comportamentos de exploração do meio, maior assertividade, auto-estima, regulação emocional e competências de liderança. As crianças submetidas ao estilo permissivo têm pouca assertividade, autonomia, regulação emocional, baixo autocontrolo e auto-estima, são dependentes e imaturos (Cardoso e Veríssimo, 2013). Por ultimo, as crianças que os pais adoptam um estilo negligente detêm mais sintomas depressivos, pouca auto-estima, problemas afectivos e comportamentais (Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, 2004). A auto-estima é o grau de consideração que cada um tem de si, tem influência na maneira como o sujeito se comporta e reage a determinadas situações. Assim, uma auto-estima positiva, serve como factor de protecção para lidar com as adversidades (Marujo, 1997).

Apesar de, tanto no estilo autoritário como no estilo autoritativo, a figura parental tem de ser respeitada existe uma diferença entre eles. No autoritativo, os pais entendem que devem ser respeitados mas, demonstram sensibilidade para as necessidades dos filhos. Relativamente ao estilo autoritário, os filhos devem uma obediência “cega” e os limites e regras estabelecidos não são questionáveis. Para estes pais, as regras existem pelo simples facto “isto é da maneira que é”, não há qualquer debate nem abertura para discussão de regras (De la Torre-Cruz, García-Linares, Casanova-Arias, 2014).

O estilo autoritativo está ligado a um melhor ajuste psicossocial pois havendo uma maior aceitação consequentemente, existe maior receptividade às influências, os limites estabelecidos de forma adequada facilitam a auto-regulação de emoções e, por fim, a comunicação estabelecida entre pais e filhos promove a competência social e cognitiva (De la Torre-Cruz, García-Linares, Casanova-Arias, 2014).

Apesar de os estilos parentais estarem relacionados com as práticas parentais educativas é importante manter uma diferença entre ambos.

### 1.5. Práticas Parentais

Segundo Darling & Steinber (1993) os estilos parentais são um conjunto de atitudes face à criança, que lhe são comunicadas e criam um contexto emocional no qual os comportamentos parentais são expressos. As práticas parentais são definidas por comportamentos ou estratégias utilizadas para atingir determinados objectivos em contextos específicos através dos quais os pais exercem os seus deveres. Os estilos parentais influenciam de forma indirecta o desenvolvimento do comportamento e características da criança, as práticas parentais têm um efeito directo (Calheiros, Garrido & Santos, 2011).

Posto isto, as práticas são as estratégias e os estilos são o clima/atitude das interacções entre pais-criança. Pode-se dizer que o estilo parental acaba por moderar determinadas práticas parentais.

As relações estabelecidas entre pais e filhos têm como base cuidar, educar e promover o seu desenvolvimento harmonioso resultando isto num conjunto de estratégias denominados na literatura por práticas parentais, práticas educativas, práticas de cuidados ou cuidados parentais (Macarini, Martins, Minetto & Vieira, 2010). As práticas parentais passam pelo nível de envolvimento, supervisão, afecto, apoio e o tipo de comunicação e disciplina. As práticas parentais, são necessárias tanto na educação como no desenvolvimento das crianças e adolescentes. São responsáveis pela socialização e as condutas de interacção ao longo do tempo (Oliveira, Silva, Yoshinaga & Silva, 2015). As práticas parentais que podem levar ao desenvolvimento de comportamentos anti-sociais incluem a punição, disciplina inconsistente e supervisão negativa.

A supervisão está relacionada com a atenção e o conhecimento das actividades que os pais têm acerca do seu filho assim como o local onde este se encontra. Uma relação familiar apoiante e afectuosa serve de base da supervisão e, cria a possibilidade da criança se sentir confiante e disposta a revelar espontaneamente as suas actividades, afastando assim a possibilidade de exercer uma supervisão negativa. A supervisão negativa caracteriza-se pelo excesso de controlo da vida dos filhos, sendo este um controlo psicológico que inibe ou dificulta a independência e construção de autonomia. As crianças que são muito controladas não se sentem amados e, até atribuem esse excesso de controlo à falta de amor e confiança

que os pais nutrem por eles (Salvo, Silvaes & Toni, 2005). Quando a criança percebe que os pais estão sempre a tentar controlá-la usando como recurso a ruptura afectiva, vai ter dificuldade em reconhecer a sua individualidade e capacidade de gerir as suas próprias acções com receio de perder a relação com os seus pais (Cortés & Cantón, 2000).

A punição de forma inconsistente é caracterizada por uma punição dependente do humor dos pais e não pelo comportamento demonstrado pela criança. Segundo Gershoff (2002), a punição caracteriza-se pelo uso da força física para corrigir determinados comportamentos. Crianças expostas a estas estratégias tomam em linha de conta que para conseguirem algo é necessário exercer força ou, no sentido oposto, tornam-se apáticas, medrosas e não participativas no meio envolvente pois foram expostas, constantemente, a situações de submissão e controle.

A disciplina inconsistente é caracterizada pelo incumprimento das regras estabelecidas. Ou seja, o que acontece é que os pais tentam fazer valer as suas regras mas, devido a comportamentos opostos dos filhos estes não as cumprem. Quando isso acontece os pais adoptam uma postura de ameaça mas, não fazem prevalecer essas regras instituídas anteriormente (Salvo, Silvaes & Toni, 2005). Daí que a comunicação entre pais e filhos seja muito importante pois, é através dela que se colocam as mais variadas questões, expressam-se sentimentos e opiniões, estabelecem-se regras e limites. Caso a regra não seja cumprida, os pais podem então utilizar a comunicação a fim de verificar o porquê do não cumprimento em vez de castigar ou punir (Bolsoni-Silva & Marturano, 2002). A disciplina engloba práticas indutivas ou não directivas e práticas de recurso ao poder ou directivas. Envolvem punição, ordens e ameaças. Têm uma influência negativa nas relações entre pares provocando sentimentos hostis, de medo e ansiedade. No caso das práticas de disciplina indutiva, há uma comunicação à criança da necessidade de mudança do seu comportamento. Aqui os pais explicam, não punem e advertem para as consequências de determinados comportamentos tanto para si como para os outros (Calheiros, Garrido, Santos, 2011).

Mães que controlam, que são intrusivas e muito protectoras estão associadas a filhos que são retraídos e inibidos. No caso de pais que são excessivamente protectores e que tendem a gerir as situações de forma directiva, acabam por restringir o comportamento dos seus filhos, desencorajam a independência e controlam as actividades destes. Como resultado, as crianças podem não desenvolver a sua capacidade de enfrentar determinadas situações e de utilizar estratégias adequadas para a resolução de problemas que surjam, nomeadamente, nas relações interpessoais. Alguns pais quando percebem que os seus filhos são retraídos tendem

a direccionar os comportamentos dos filhos, como forma de os orientar ou “guiar”. Em vez disso, os pais deveriam explicar como e o que a criança deve fazer para se sentir mais integrada no grupo de pares (Rubin, Coplan & Bowker, 2009).

No estudo de Karavasilis e colaboradores (Karavasilis, Doyle, & Markiewicz, 2003) salientam que uma parentalidade autorizante parece promover relações de vinculação seguras. O autor Muris e colaboradores (Muris, Meesters, & van der Berg, 2003) verificaram associações entre relações de vinculação seguras e práticas parentais menos rejeitantes e mais afectuosas. No estudo de Roelofs e colaboradores (Roelofs, Meesters, Ter Huurne, Bamelis, & Muris, 2006), crianças com relações de vinculação inseguras eram mais rejeitadas pelos pais e tinham maior sobreprotecção e pouco afecto, comparadas com as crianças com relações de vinculação seguras. Já Kerns (Kerns, Aspelmeier, Gentzler, & Grabill, 2001), refere que uma vinculação segura estava relacionada com supervisão adequada por parte dos pais (Cardoso & Veríssimo, 2013).

Darling e Steinberg (1993) afirmam que as práticas parentais e os estilos parentais são influenciados pelas crenças dos pais. Assim, não é possível referir que determinadas práticas ou estilos são melhores que outros sem considerar o contexto cultural no qual a família está inserida (Macarini, Martins, Minetto & Vieira, 2010). Os recursos psicológicos e a história da figura parental enquanto filho/a também são factores a considerar (Leal, 2005) assim como, características da personalidade da própria da criança (Pires, 2001).

## 1.6 Questões de Investigação

De acordo com os principais temas anteriormente referidos, o presente estudo tem como finalidade verificar de que forma a qualidade de vinculação aos pais e as práticas parentais que estes exercem, estão relacionadas com a vitimização em adolescentes. Sendo assim, as questões de investigação pretendem perceber se existe associação entre 1) ser vitimizado e ter maior restritividade e cuidados responsivos; 2) ser vitimizado e a segurança de vinculação aos pais; 3) ser vitimizado e as restantes dimensões do funcionamento social.

## 2. METODOLOGIA

### 2.1. Participantes

A amostra do presente estudo foi constituída por um grupo de 521 adolescentes com idade média de 14 anos ( $M=13.85$  e  $M=13.94$ , respectivamente para raparigas e rapazes), que frequentavam predominantemente o 8º ano de escolaridade (mínimo 7º e máximo 9º) de duas escolas na zona da grande Lisboa.

Esta amostra faz parte de outra de maior dimensão e que se insere num projeto de investigação designado ‘Relações de amizade e com a família nas trajetórias de isolamento social em jovens adolescentes’, desenvolvido pela Unidade de Investigação em Psicologia Cognitiva, do Desenvolvimento e da Educação (UIPCDE – Linha 1: Psicologia do Desenvolvimento) do ISPA-IU. Este projecto, da responsabilidade científica do Prof. Doutor António José dos Santos, foi financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) com o registo PTDC/PSI-PDE/098257/2008.

Após a seleção dos sujeitos para constituir os grupos de comparação, a amostra inicial ficou reduzida a um número máximo de 297 adolescentes, dos quais 65 fazem parte do grupo de Vitimizados Não-Agressivos, 74 do grupo de Vitimizados Agressivos e 158 do grupo de Controlo.

### 2.2. Instrumentos

Os instrumentos de medida que permitiram a recolha de dados para posteriormente serem analisados foram, o KSS (Kerns Security Scale) – avalia a confiança que o adolescente tem na disponibilidade e responsividade das suas figuras de vinculação — pai e mãe; o ECP (Extended Class Play) – Questionário de agressividade e isolamento social e o CRPR-Q (Child Rearing Practices Report-Questionnaire) – que pretende avaliar as atitudes e valores parentais.

Kerns Security Scale (Kerns, Klepac, & Cole, 1996)

Esta escala, é composta por 15 itens que deverão ser respondidos no formato alternativo delineado por Harter (1982) “alguns jovens... outros jovens...”. Neste instrumento pede-se aos adolescentes que indiquem qual das afirmações é mais característica deles e, posteriormente, que apontem o seu grau de identificação (“Mais ou menos como eu” ou “Exactamente como eu”). O instrumento apresenta uma versão para a mãe e outra para o Pai.

Esta escala avalia a confiança que o adolescente tem na disponibilidade e responsividade das suas figuras de vinculação — tanto a mãe, como o pai —, bem como a facilidade e o interesse em comunicarem com elas e apresenta um valor global de segurança.

Extended Class Play (Rubin, Wojslawowicz, Rose-Krasnor, Booth-LaForce, & Burgess, 2006; Correia, Santos, Freitas, Rosado, & Rubin, 2014)

A avaliação do retraimento social foi feita através da versão portuguesa do E.C.P. (*Extended Class Play*) (Rubin, Wojslawowicz, Burgess, Rose-Krasnor, & Booth-LaForce, 2006, Correia, Santos, Freitas, Rosado, & Rubin, in press).

Este instrumento identifica a reputação social dos adolescentes em cinco dimensões: *Agressividade* – com 7 itens para identificar comportamentos agressivos (Ex: “Perde o controlo ou exalta-se facilmente”); *Retirada social / Timidez* – com 4 itens para distinguir os sujeitos que são activamente isolados/rejeitados dos que são tímidos (Ex: “Fala pouco, fala baixo”); *Vitimização/Exclusão* – com 8 itens para identificar os adolescentes que são vitimizados e/ou activamente colocados de parte pelo grupo de pares (Ex: “É frequentemente ofendido/insultado”); *Comportamentos Pró- Sociais/Sociabilidade* – com 6 itens que abordam os comportamento pró-sociais (Ex: “Ajuda os outros quando eles precisam”); e por fim *Popularidade/Sociabilidade* – com 5 itens que caracterizam os adolescentes sociáveis e populares entre os colegas (Ex: “Prefere estar com os outros do que sozinho”).

Neste questionário de 37 itens é pedido aos adolescentes para imaginarem que são os encenadores de uma peça de teatro para a qual deverão escolher, entre os seus colegas de turma, aqueles que melhor desempenhariam diversos papéis de valência positiva e negativa. Para o efeito, é fornecida a cada sujeito uma listagem de todos os seus colegas e clarificado que, apesar de só poderem nomear um rapaz e uma rapariga para cada papel, a mesma pessoa pode ser escolhida para mais do que um. Apenas as nomeações entre sujeitos do mesmo sexo são consideradas, de modo a evitar possíveis enviesamentos por estereótipos de sexo (Zeller et al., 2003).

Os valores obtidos para os itens são estandardizados para o sexo e turma — para ajustar o número de nomeações recebidas ao número de nomeadores — e depois somados para cada uma das 6 dimensões avaliadas (agressividade, retirada social, comportamento pró-social, sociabilidade, vitimização e exclusão).

Child Rearing Practices Report-Questionnaire (CRPR-Q), (Rickel & Biasatti, 1982)

O CRPR-Q é uma reduzida e adaptada da versão do Child Rearing Practices Report (CRPR; Block, 1965). O questionário é dirigido aos pais e pretende avaliar as atitudes e valores parentais. Apresenta 42 itens que são avaliados pelos pais numa escala de Likert de 6 pontos (1 = discordo totalmente; 6 = concordo totalmente). O Instrumento tem duas dimensões: Restritividade (22 itens) — relacionada com aspectos de controlo sobre a forma como a criança age e sente, não atendendo à sua espontaneidade ou sentimentos — e Cuidado (20 itens) — atitudes e práticas flexíveis, nas quais os pais ouvem e partilham os sentimentos e experiências dos seus filhos.

### 2.3. Procedimento

Através do projecto de investigação anteriormente referido, foram contactadas duas escolas da região da Grande Lisboa onde se apresentou os objectivos, os procedimentos e as etapas do estudo de forma a obter autorização para recolha de dados por parte dos Directores dessas mesmas escolas.

Após a autorização, procedeu-se à marcação dos dias e horas mais oportunos para os professores procederem à aplicação dos instrumentos. Antes desta aplicação, foram entregues aos alunos envelopes dirigidos aos encarregados de educação, que incluíam a informação sobre o estudo e um pedido de autorização de participação dos seus educandos neste mesmo estudo. Assim que as autorizações foram concedidas por parte dos pais procedeu-se, então, à recolha de dados.

A aplicação dos instrumentos foi realizada em grupo e em contexto de sala de aula. As instruções foram lidas em voz alta e, durante a administração do instrumento, foram esclarecidas as dúvidas necessárias. Para além disso, foi transmitido que as respostas eram confidenciais e que não existiam respostas certas ou erradas.

A análise estatística dos dados foi efetuada, posteriormente, na plataforma SPSS.

### 3. RESULTADOS

Tendo em conta que os objectivos do estudo são o Funcionamento Social, a Segurança de Vinculação e as Práticas Parentais começamos por fazer uma análise preliminar de resultados, com uso da estatística descritiva (média e desvio-padrão) para se obter uma visão geral dos resultados e para analisar a relação entre as variáveis em estudo (Coeficiente de correlação de Pearson). De seguida foram constituídos três grupos de estudo (Vitimizados Não-Agressivos, Vitimizados Agressivos e Grupo de Controlo). Para garantir que os grupos são distintos e para melhor os caracterizar em termos do seu funcionamento social foi realizada uma análise de variância (ANOVA). Posteriormente, para avaliar se existem diferenças significativas de resultados em função do grupo (Vitimizados Não-Agressivos, Vitimizados Agressivos e Grupo de Controlo), relativamente à Segurança de Vinculação e Práticas Parentais e considerando o sexo dos sujeitos testados, realizaram-se duas análises de variância, em separado, com o Teste ANOVA, uma para o grupo e outra para o sexo.

Todos os dados foram analisados no software SPSS.

#### 3.1. Médias das variáveis em estudo

Tabela 1. Médias das dimensões do funcionamento social em função do Grupo

	Grupo		
	Vitimizados Não-Agressivos	Vitimizados Agressivos	Controlo
<b>Funcionamento Social</b>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>	<i>M (SD)</i>
Agressão	-0,46 (0,09)	0,91 (0,88)	-0,50 (0,08)
Timidez / Retraimento Social	0,73 (1,42)	-0,25 (0,36)	-0,12 (0,63)
Exclusão	0,75 (1,53)	0,41 (1,26)	-0,34 (0,38)
Vitimização	0,79 (1,06)	1,08 (1,57)	-0,48 (0,06)
Comportamento Pró-Social	-0,01 (0,78)	-0,18 (0,50)	0,13 (0,98)
Sociabilidade / Popularidade	-0,21 (0,46)	0,06 (0,82)	-0,19 (0,55)

Relativamente à Tabela 1, podemos verificar que o grupo Vitimizados não-Agressivos apresentam baixos níveis de Agressividade ( $M -0,46$ ) e altos níveis de Vitimização ( $M 0,79$ ).

No caso do grupo de Vitimizados Agressivos, estes apresentam altos níveis de Agressividade ( $M$  0,91) e de Vitimização ( $M$  1,08). Quanto ao Grupo de Controlo exhibe baixos níveis de Agressividade ( $M$  -0,50) e de Vitimização ( $M$  - 0,48). É de salientar que a constituição destes três grupos teve como base estas diferenças que se verificavam entre eles. Para além desta verificação primordial, podemos também expor outros aspectos que consideramos pertinentes como é o facto de entre o Grupo Vitimizados não-Agressivos e Vitimizados Agressivos, estes apresentarem maiores níveis de Vitimização ( $M$  1,08).

No que diz respeito às outras dimensões do Funcionamento Social, nomeadamente, Timidez/Retraimento, Exclusão, Comportamento Pró-Social e Sociabilidade/Popularidade é de salientar que os Vitimizados Não-Agressivos apresentam altos níveis de Timidez/Retraimento Social ( $M$  0,73) e de Exclusão ( $M$  0,75); têm poucos comportamentos Pró-Sociais ( $M$ -0,01) assim como Sociabilidade/Popularidade ( $M$  0,21). Os Vitimizados Agressivos apresentam altos níveis de Exclusão ( $M$  0,41) e Sociabilidade/Popularidade ( $M$  0,06); são menos Tímidos/Retraídos ( $M$  -0,25) e exibem menos comportamentos Pró-Sociais ( $M$  -0,18). O Grupo de Controlo apresenta baixos níveis em praticamente todas as dimensões do Funcionamento Social, com excepção dos comportamentos pró-sociais ( $M$  0,13) demonstrando alguma habilidade para este tipo de comportamentos.

Tabela 2. Médias da Segurança de Vinculação e Práticas Parentais em função do Grupo.

		<b>Grupo</b>			
		Vitimizados Não-Agressivos	Vitimizados Agressivos	Controlo	
		<i>M</i> (SD)	<i>M</i> (SD)	<i>M</i> (SD)	
<b>Segurança da Vinculação</b>	Pai	2,98 (0.59)	2,74 (0.59)	3,00 (0.62)	
	Mãe	3,19 (0.60)	2,97 (0.54)	3,19 (0.49)	
<b>Práticas Parentais</b>	<b>Restritividade</b>	Pai	5.16 (1.86)	4.15 (0.70)	4.67 (1.43)
		Mãe	4.49 (1.35)	4.39 (1.19)	4.37 (0.65)
	<b>Cuidado</b>	Pai	5.30 (0.54)	4.81 (0.93)	5.10 (0.94)
		Mãe	5.29 (0.51)	4.95 (0.80)	5.26 (0.55)

Na Tabela 2, podemos verificar que os Vitimizados Não-Agressivos têm uma segurança de vinculação tanto ao Pai como a Mãe superior aos Vitimizados Agressivos. O Grupo comparação é o que apresenta uma maior segurança de vinculação ao Pai.

Em relação às Práticas Parentais, os Vitimizados Não-Agressivos sofrem uma maior restritividade tanto por parte do Pai como por parte da Mãe comparativamente aos Vitimizados Agressivos e Grupo de Controlo. No grupo Vitimizados Não-Agressivos apresentam maior cuidado tanto por parte do Pai como por parte da Mãe comparativamente aos Vitimizados Agressivos. Os Vitimizados Agressivos são os que apresentam médias mais baixas tanto na restritividade como nos cuidados.

Tabela 3. Médias da Segurança de Vinculação e Práticas Parentais em função do sexo

		<b>Sexo</b>	
		Masculino	Feminino
		<i>M</i> (SD)	<i>M</i> (SD)
<b>Segurança da Vinculação</b>	Pai	3.05 (0.57)	2.74 (0.68)
	Mãe	3.18 (0.48)	3.02 (0.64)
<b>Restritividade</b>	Pai	4.80 (1.46)	4.55 (1.34)
	Mãe	4.48 (1.21)	4.39 (0.86)
<b>Práticas Parentais</b>	<b>Cuidado</b>	Pai	5.14 (0.73)
		Mãe	5.27 (0.61)

No que diz respeito à Tabela 3, é possível observar que tanto o sexo masculino como o sexo feminino apresentam maior segurança de vinculação à Mãe. O sexo masculino e o sexo feminino apresentam maior restritividade por parte do pai. O sexo masculino e o sexo feminino apresentam mais cuidados por parte da mãe.

### 3.2. Relação entre Funcionamento Social e Segurança de Vinculação

Tabela 4. Correlações entre Funcionamento Social e Segurança de Vinculação

	Segurança da Vinculação	
	Pai	Mãe
<b>Funcionamento Social</b>		
Agressão	-0.11*	-0.11*
Timidez / Retraimento Social	0.07	0.04
Exclusão	0.05	-0.02
Vitimização	0.01	-0.01
Comportamento Pró-Social	0.09	0.11*
Sociabilidade / Popularidade	-0.07	0.01

\*  $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

Através da Tabela 4, podemos verificar que há uma correlação significativa negativa entre Segurança de Vinculação aos Pais e a Agressividade. Quanto maior a Segurança de Vinculação menor a Agressividade. Por outro lado, também há uma correlação significativa positiva entre Segurança de Vinculação à Mãe e Comportamento Pró-Social. Quanto maior a Segurança de Vinculação maior o Comportamento Pró-Social.

### 3.3. Relação entre Funcionamento Social e Práticas Parentais

Tabela 5. Correlação entre Funcionamento Social e Práticas Parentais

	Práticas Parentais			
	Restritividade		Cuidado	
	Pai	Mãe	Pai	Mãe
<b>Funcionamento Social</b>				
Agressão	-0.18	-0.05	-0.31**	-0.11
Timidez / Retraimento Social	-0.05	-0.06	0.12	0.04
Exclusão	-0.03	-0.01	0.07	0.08
Vitimização	-0.04	-0.12	-0.00	0.03
Comportamento Pró-Social	0.10	-0.09	0.14	0.12
Sociabilidade / Popularidade	0.03	-0.01	-0.01	0.00

\*  $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

Relativamente à Tabela 5, verifica-se que existe uma correlação significativa negativa entre Cuidado por parte do Pai e Agressividade. Quanto maior o Cuidado por parte do Pai menor será a Agressividade.

### 3.4. Relação entre Segurança de Vinculação e Práticas Parentais

Tabela 6. Correlação entre Segurança de Vinculação e Práticas Parentais

		Práticas Parentais			
		Restritividade		Cuidado	
		Pai	Mãe	Pai	Mãe
Segurança da Vinculação	Pai	0.19	-0.05	0.41**	0.19*
	Mãe	0.16	-0.11	0.08	0.05

\*  $p < .05$ ; \*\* $p < .01$

Quanto à Tabela 6, existem correlações significativas positivas entre a Segurança de Vinculação ao Pai e o Cuidado do Pai e o Cuidado da Mãe. Quanto maior a segurança de vinculação ao pai mais o pai e a mãe são sentidos como cuidadores.

### 3.5. Constituição dos Grupos

A classificação e distribuição dos adolescentes pelos grupos em estudo (Vitimizado não-Agressivos, Vitimizado Agressivos e Grupo de comparação) foi feita a partir dos resultados obtidos no Extended Class Play (ECP) e conforme os procedimentos e critérios já anteriormente utilizados por outros autores (Ladd & Burgess, 1999; Rubin et al., 2006). Assim, os adolescentes que fazem parte do grupo dos Vitimizado Não-Agressivos foram aqueles que obtiveram valores na dimensão Vitimização que estavam nos 33% superiores do respetivo percentil (ou aproximadamente um desvio-padrão acima da média) e que obtiveram valores na dimensão de Agressividade abaixo da mediana. Os adolescentes que fazem parte do grupo dos Vitimizado Agressivos foram aqueles que obtiveram valores na dimensão Vitimização e Agressividade que estavam nos 33% superiores do respetivo percentil (ou aproximadamente um desvio-padrão acima da média). Por fim, o Grupo de Controlo, é

composto pelos adolescentes cujos valores de Agressividade e Vitimização se encontravam ambos abaixo das respetivas medianas.

### 3.6. Diferença de resultados no Funcionamento Social em função do grupo

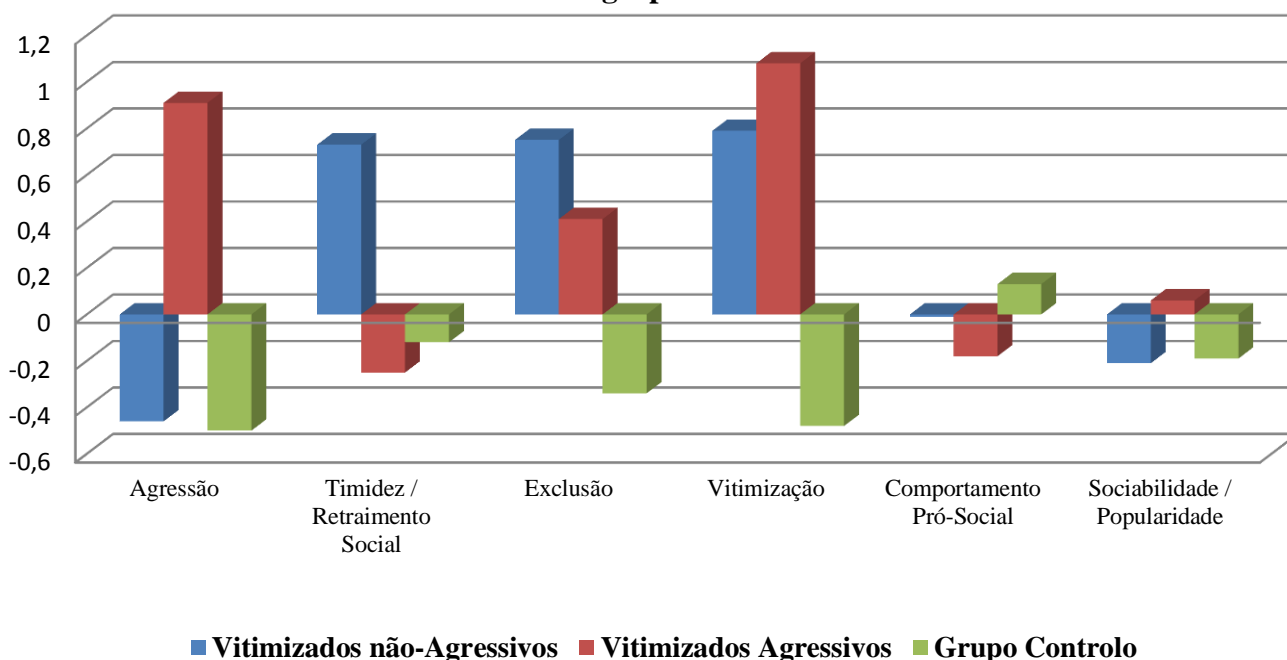
Na Figura 1, são apresentados os resultados do Funcionamento Social. Relativamente à dimensão Funcionamento Social, em função do Grupo, verificou-se um efeito significativo para a Agressão [ $F(2,296)= 274.27, p <.01$ ], Timidez / Retraimento Social [ $F(2,296)= 30.36, p <.01$ ], Exclusão [ $F(2,296)=33.14, p <.01$ ], Vitimização [ $F(2,296)=87.84, p <.01$ ], Comportamento Pró-social [ $F(2, 296)=3.42, p <.05$ ] e Sociabilidade popularidade [ $F(2, 296)=4.77, p <.01$ ].

O teste *post-hoc de Tukey HSD* revelou que no item **Agressão** existem diferenças entre os Vitimizados não-Agressivos ( $M -0,46$ ) e Vitimizados agressivos ( $M 0,91$ ) e também, entre Vitimizados agressivos ( $M 0,91$ ) e o Grupo de controlo ( $M -0,50$ ). O grupo Vitimizados Agressivos apresenta maiores níveis de agressividade em comparação com os Vitimizados não-Agressivos e com o Grupo de controlo. Relativamente à **Vitimização**, as diferenças encontram-se associadas aos Vitimizados não-Agressivos ( $M 0,79$ ) e Grupo de Controlo ( $M -0,48$ ) e também, aos Vitimizados Agressivos ( $M 1,08$ ) e Grupo de Controlo ( $M -0,48$ ). Os Vitimizados não-Agressivos e Vitimizados Agressivos apresentam significativamente maiores níveis de vitimização do que o Grupo de Controlo. Estes resultados confirmam que os grupos efectivamente se distinguem entre si e que correspondem aos critérios definidos para a constituição dos grupos de estudo.

Relativamente à dimensão **Timidez/Retraimento Social**, verificou-se que existem diferenças entre Vitimizados Não-Agressivos ( $M 0,73$ ) e Vitimizados Agressivos ( $M -0,25$ ) e também, entre Vitimizados Não-Agressivos ( $M 0,73$ ) e o Grupo de Controlo ( $M -0,12$ ). O grupo dos Vitimizados Não-Agressivos revela valores significativamente mais elevados de timidez/retraimento comparativamente aos outros dois grupos. Quanto à dimensão **Exclusão**, também se encontram diferenças entre os Vitimizados Não-Agressivos ( $M 0,75$ ) e Grupo de Controlo ( $M -0,34$ ) e também entre, Vitimizados Agressivos ( $M 0,41$ ) e Grupo de Controlo ( $M -0,34$ ). O grupo Vitimizados Não-Agressivos e os Vitimizados Agressivos experienciam maior exclusão em relação ao Grupo de Controlo. Também foram encontradas diferenças para a dimensão **Comportamento Pró-Social** que mostram que o grupo dos Vitimizados Não-Agressivos não difere significativamente do Grupo de Controlo, mas há diferenças entre

Vitimizados Agressivos ( $M -0,18$ ) e o Grupo de Controlo ( $M 0,13$ ). Os Vitimizados Agressivos têm significativamente menos comportamentos pró-sociais. Por último, a análise da dimensão **Sociabilidade / Popularidade** mostra que o grupo Vitimizados Agressivos ( $M 0,06$ ) e o Grupo de Controlo ( $M -0,19$ ) diferem significativamente entre si, assim como dos Vitimizados Não-Agressivos ( $M -0,21$ ) e Vitimizados Agressivos ( $M 0,06$ ). Quer isto dizer que, os Vitimizados Agressivos apresentam valores significativamente superiores de Sociabilidade / Popularidade em relação aos outros dois grupos.

**Figura 1: Médias das dimensões do funcionamento social em função dos grupos.**

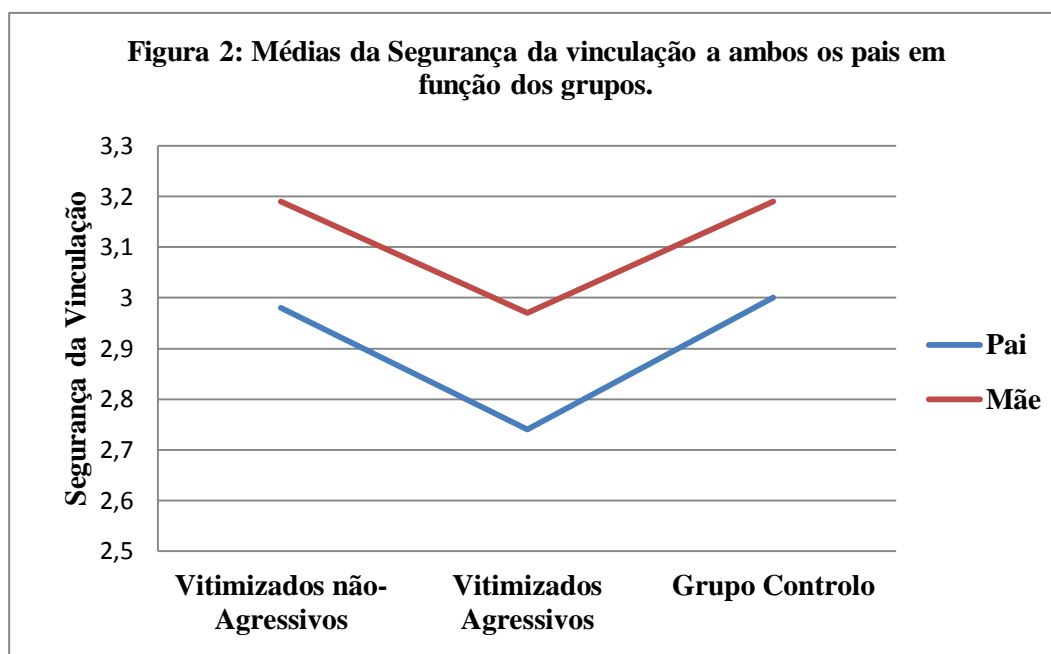


### 3.7. Diferença de resultados na Segurança de Vinculação, quer ao pai, quer à mãe, em função do grupo e o sexo.

Na Figura 2, são apresentados os resultados da Segurança de Vinculação em função do grupo e o sexo. Relativamente à dimensão Segurança de Vinculação, em função do Grupo, verificou-se um efeito significativo para a Segurança de Vinculação ao Pai [ $F(2,226)= 4.35$ ,  $p <.01$ ] assim como para a Segurança de Vinculação à Mãe [ $F(2,233)= 4.14$ ,  $p <.05$ ]. O teste *post-hoc de Tukey HSD* mostrou que há diferenças na Segurança de Vinculação ao Pai entre os Vitimizados Agressivos ( $M 2,74$ ) e o Grupo de Controlo ( $M 3,00$ ). Os Vitimizados

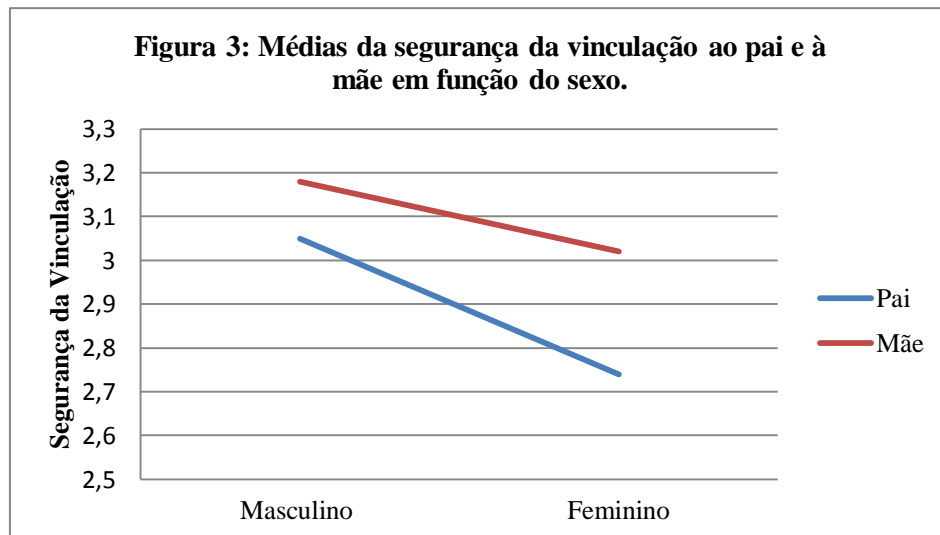
Agressivos têm menor segurança de vinculação ao Pai. No caso da Segurança de Vinculação à Mãe também se verificaram diferenças entre os Vitimizados Agressivos ( $M 2,97$ ) e o Grupo de Controlo ( $M 3,19$ ). O grupo Vitimizados Agressivos apresenta também uma menor segurança de vinculação à Mãe.

Para além disso, a análise do *post-hoc de Tukey HSD* revelou um efeito marginalmente significativo para a Segurança de Vinculação ao Pai e à Mãe nos grupos Vitimizados Não-Agressivos e no grupo Vitimizados Agressivos. Os Vitimizados Não-Agressivos apresentam maior Segurança de Vinculação ao Pai ( $M 2,98$ ) e maior Segurança de Vinculação à Mãe ( $M 3,19$ ) comparativamente aos Vitimizados Agressivos.



Quanto à dimensão Segurança de Vinculação, em função do Sexo (ver Figura 3), verificou-se um efeito significativo para a Segurança de Vinculação ao Pai [ $F(1,404)= 24.51$ ,  $p <.01$ ] assim como para a Segurança de Vinculação à Mãe [ $F(1,424)=9.1$ ,  $p <.01$ ].

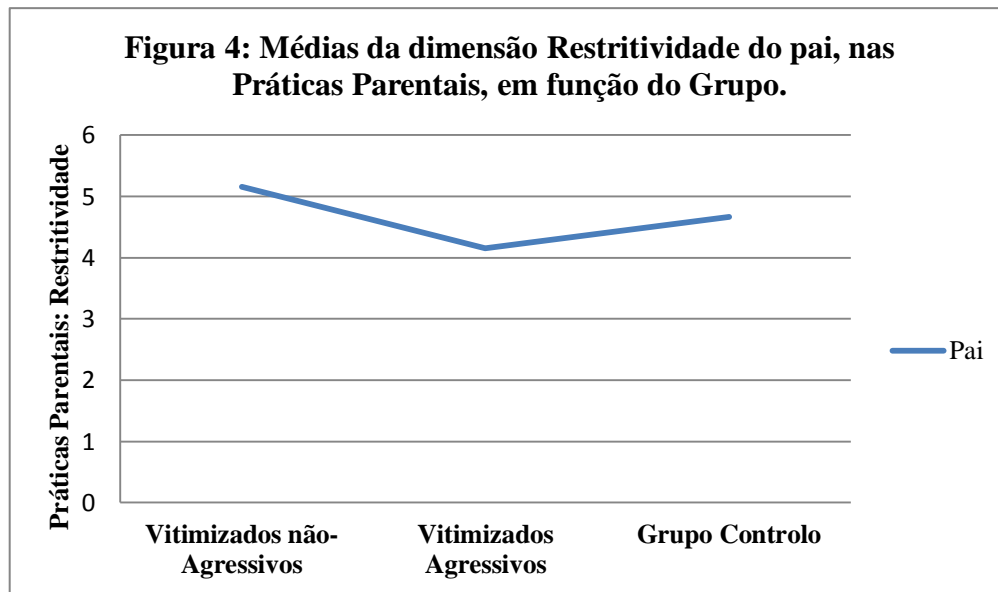
Ainda assim, é de salientar que o sexo masculino reporta valores significativamente maiores de segurança de vinculação quer relativamente ao Pai ( $M 3.05$ ), quer à Mãe ( $M 3.18$ ) comparativamente ao sexo feminino que apresenta uma segurança de vinculação ao Pai ( $M 2.74$ ) e uma segurança de vinculação à Mãe ( $M 3.02$ ). No entanto, ambos os sexos reportam valores mais elevados na segurança de vinculação à mãe.



### 3.8. Diferença de resultados nas Práticas Parentais da mãe e do pai, em função do grupo e o sexo.

Relativamente à dimensão Práticas Parentais, em função do Grupo, verificou-se que não existe diferenças significativas na Restritividade por parte da Mãe [ $F(2,78)=0.08, p=.92$ ] e nos cuidados por parte da Mãe [ $F(2,76)=2.12, p=.13$ ].

Verificou-se também que não existe diferenças significativas na Restritividade por parte do Pai [ $F(2,58)=2.30, p=.11$ ] e nos cuidados por parte do Pai [ $F(2,54)=1.25, p=.30$ ]. No entanto, a análise do *post-hoc de Tukey HSD* revelou um efeito marginalmente significativo para a Restritividade do Pai entre o grupo dos Vitimizados Não-Agressivos ( $M 2,98$ ) e dos Vitimizados Agressivos ( $M 2,74$ ). O grupo Vitimizados Não-Agressivos apresenta valores de uma maior restritividade relativamente ao pai.



Relativamente à dimensão Práticas Parentais, em função do Sexo, verificou-se que não existe diferenças significativas na Restritividade por parte da Mãe [ $F(1,127)=0.24$ ,  $p=.63$ ] e nos cuidados por parte da Mãe [ $F(1,124)=0.59$ ,  $p=.44$ ].

Verificou-se também que não existe diferenças significativas na Restritividade por parte do Pai [ $F(1,85)=0.68$ ,  $p=.41$ ] e nos cuidados por parte do Pai [ $F(1,79)=0.41$ ,  $p=.53$ ].

#### 4. DISCUSSÃO

A adolescência é considerada uma das fases do desenvolvimento com maiores transformações tanto para o indivíduo como para o contexto familiar onde ele se desenvolve. Os pais acabam por ter influência nas futuras relações das crianças com os pares pois servem como moldes para que determinados comportamentos ou competências sejam adquiridos. Para além disso também servem como suporte social e emocional, educam e ajudam a lidar com as crises próprias do seu desenvolvimento. A literatura revela que a qualidade das relações de vinculação estabelecidas na infância influencia os comportamentos, atitudes e condutas a estabelecer no contexto social nomeadamente, na interacção com os pares. Na adolescência a relação com os pares torna-se particularmente importante na medida em que, associado ao desejo de autonomia e independência face aos pais, aumentam consideravelmente o número de relacionamentos e interacções com os pares. Para além dos pais, os colegas e amigos são também agentes de socialização.

No caso das relações entre pares elas revelam-se importantes pois é a partir destas interacções que se adquirem novas habilidades sociais e se desenvolve uma noção das normas, de como é lidar com a atenção conjunta, a capacidade de regular as emoções, de conter impulsos e compreender relações causa-efeito. Na adolescência as relações entre pares continuam a ter um papel fulcral pois esta partilha de experiências e o sentimento de pertença a um grupo são importantes.

Associados ainda a estes dois factores essenciais estão também, determinadas práticas exercidas pelos pais em que o cuidado e sensibilidade em relação aos filhos têm evidenciado resultados positivos mas, demasiado controlo e restritividade podem proporcionar efeitos mais negativos.

Posto isto, o objectivo deste estudo era verificar de que forma a Vitimização na Adolescência está relacionada com a Qualidade de Vinculação aos pais e as Práticas Parentais que estes exercem. Tendo por base os resultados obtidos anteriormente, serão discutidas as seguintes questões de investigação: existe associação entre ser vitimizado e as restantes dimensões do funcionamento social; ser vitimizado e a segurança de vinculação aos pais; ser vitimizado e ter maior restritividade e cuidados responsivos por parte dos pais.

## Vitimização e o Funcionamento Social

Sendo que o Funcionamento Social influencia as interações num determinado contexto, uma vez que os adolescentes podem apresentar comportamentos pró e anti-sociais, considerou-se pertinente analisar como é que os jovens adolescentes vitimizados (agressivos e não agressivos) são percebidos pelos seus pares, em termos do seu funcionamento social. Efectivamente, verificou-se que os adolescentes percebidos pelos seus pares como Vitimizados Não-Agressivos apresentam maiores níveis de Timidez/Retraimento e Exclusão relativamente ao grupo de Vitimizados Agressivos e grupo de controlo. Conforme os resultados demonstraram no âmbito das Práticas Parentais, o grupo Vitimizados Não-Agressivos são os que sofrem maior restritividade por parte dos pais. O facto de terem pais que aplicam maior restritividade acabam por limitar os comportamentos dos filhos e desencorajam à autonomia. Tornam-se adolescentes mais fechados em si próprios e com pouca capacidade de afirmação. Segundo Rubin, Bowker & Gazelle (2010), os adolescentes tímidos/retraídos estão mais vulneráveis de serem excluídos. Os motivos para quem exclui está relacionado com preferências pessoais (Wainryb, Komolova & Brehl, 2014), por o sujeito apresentar alguma ansiedade social ou pelo seu comportamento ser visto como prejudicial para o grupo (Rubin, Coplan & Bowker, 2009).

Para além disto, o grupo Vitimizados Não-Agressivos e o grupo de controlo apresentam menores níveis de Sociabilidade/Popularidade que o grupo Vitimizados Agressivos. Isto pode estar relacionado com os Vitimizados Agressivos reagirem de forma hostil ou violenta e alguns adolescentes considerarem isto como uma “protecção” ao considerá-lo como amigo. Contudo, consideramos que o facto de estar patente algum timidez/retraimento dificulta o adolescente na interacção e assim passa a ser visto como não tendo nenhuma característica agradável para que possa ser considerado como popular. Por outro lado, a menor popularidade sentida pelos Vitimizados Não-Agressivos leva-o a isolar-se cada vez mais e assim diminui as suas hipóteses de aceitação num determinado grupo de pares (Matos, 2008).

No que concerne a agressividade e vitimização os Vitimizados Agressivos apresentaram maiores níveis comparativamente ao grupo Vitimizados Não-Agressivos e ao grupo de controlo. Quanto aos comportamentos pró-sociais são bastante diminutos. Pode-se entender a vitimização neste grupo é o resultado de alguma hostilidade por parte do adolescente. Comparativamente ao grupo Vitimizados Não-Agressivos, estes reagem de

forma hostil e têm comportamentos que não são de todo aceites ou considerados admissíveis para uma boa conduta.

#### Relação entre o Funcionamento Social e a Vinculação

Foram encontradas correlações entre a segurança de vinculação e a Agressão, onde nos indica que quanto maior a segurança de vinculação menor a agressividade. Ainda que esta correlação não tenha sido diferenciada se para o Pai ou para a Mãe, há evidências empíricas que nos dizem que os pais tendem a ter brincadeiras mais adaptativas, acabando por estabelecer limites adequados entre a brincadeira e o significado da agressividade (Booth-LaForce, Oh, Rubin, Rose-Krasnor, Burgess, 2006). Também se verificou outra correlação, desta vez uma correlação positiva, entre a segurança de vinculação e o Comportamento Pró-Social, revelando que quanto maior a segurança de vinculação maior o comportamento pró-social. Denotando-se que as interações entre pais e filhos moldam a maneira como a criança se vai relacionar com os outros. Uma interação de qualidade entre ambos desenvolve capacidades sociais e emocionais necessárias para o relacionamento com os pares (Healy, Sanders, Iyer, 2015).

#### Vitimização e Segurança de Vinculação

Sendo a segurança de vinculação um dos objectivos essenciais nesta investigação, pode-se verificar que esta se encontra presente nos casos de adolescente vitimizados, ou seja, não se verifica ausência de segurança de vinculação. Contudo, verificou-se que os Vitimizados Não-Agressivos apresentam valores de segurança de vinculação aos pais superiores ao Vitimizados Agressivos. Este facto pode relacionar-se com a evidência que será apresentada nas Práticas Parentais (apresentarem maior restritividade e cuidados), ou seja, estão mais ligados aos pais mas pouco aos pares. Tal como referem os autores Ozen & Aktan (2010), uma vinculação segura protege o adolescente da Vitimização mas, neste caso devido à sua timidez/retraimento torna-os mais vulneráveis a serem vitimizados.

Relativamente ao sexo Masculino, este apresenta maior segurança de vinculação comparativamente ao sexo Feminino, sendo que em ambos os sexos a segurança de vinculação é sempre maior à Mãe. Como refere Malpique (1990), a mãe tem uma função mais expressiva pelo seu cuidado e afecto e o pai tem uma função mais instrumental, onde procura estimular a aquisição de competências para que a criança se possa adaptar ao meio social. É

de salientar que a maior segurança de vinculação à Mãe é expectável, devido ao que foi descrito anteriormente pela autora. Contudo, não existem evidências empíricas para que se possa determinar o porquê de esta segurança se verificar mais no sexo Masculino do que no sexo Feminino.

### Vitimização e Práticas Parentais

Para concluir esta investigação, outra questão que importa ainda analisar são as Práticas Parentais. Podemos salientar que não se encontraram diferenças significativas ainda assim, verificou-se que o grupo Vitimizados Não-Agressivos apresenta maior restritividade e maior cuidado tanto por parte do Pai como por parte da Mãe comparativamente aos Vitimizados Agressivos e grupo de controlo. Isto pode ter alguma influência no modo como os adolescentes se relacionam com os outros pois os controlos mais apertados ou mais liberais que as famílias exercem (Ferreira, 1997), pode limitar a possibilidade do adolescente desenvolver amizades e as amizades são consideradas como factores de protecção contra a vitimização (Healy, Sanders & Iyer, 2015). À medida que o adolescente cresce, os pais devem exercer menor restritividade para que seja gerado um ambiente de autonomia relativamente ao adolescente (Brown, Lamborn, Mounts & Steinberg, 1993).

Por outro lado, o sexo Masculino apresenta maior restritividade do que o sexo Feminino, sendo ambas exercidas por parte do Pai. Isto pode estar associado ao facto de o pai ter o papel no contexto social de delimitar e fazer valer regras e limites e a mãe ter um papel mais de cuidadora.

### Contribuições e Limites da Investigação

Esta investigação foi importante para perceber a relação que existe entre os adolescentes vitimizados (agressivos e não-agressivos) e a qualidade de vinculação e práticas parentais exercidas pelos próprios pais. A principal contribuição foi compreender as diferenças entre os grupos perante a segurança de vinculação, as práticas parentais e o funcionamento social.

Era favorável se tivéssemos encontrado mais alguns indícios relativamente às práticas parentais pois considera-se que os estudos realizados no âmbito desta temática são ainda insuficientes.

Relativamente a esta investigação considera-se como limitação o facto de o estudo não ser longitudinal pois, serviria para perceber melhor se a vitimização continuaria a existir a médio e longo prazo. Outra das limitações refere-se ao instrumento CRPR-Q, o facto de ser um questionário preenchido pelos próprios pais poderá trazer a desvantagem da desejabilidade social, em que os pais fornecem uma resposta que consideram ser a mais acertada e não a que corresponde à sua realidade. Por outro lado, também pode acontecer responderem de determinada forma sem terem a plena consciência de que tal prática é mesmo executada dessa maneira. Ou seja, o próprio Pai ou a Mãe podem não ter noção se exercem determinado comportamento e talvez, se fosse o adolescente a responder já conseguia identificar se determinadas práticas se verificam.

#### Futuras Investigações

Para futuros estudos seria importante explorar outros caminhos dentro desta temática, como por exemplo, alargando outros contextos de socialização, que vão para além da família nomeadamente, o grupo de pares. Aqui poderia analisar-se de que forma as relações de amizade e o facto de ter um melhor amigo poderia servir como factor de protecção para eventuais situações de vitimização no meio escolar.

Como conclusão, é muito importante que se continuem a desenvolver estudos sobre esta temática, de modo a aprofundar e conhecer os mecanismos inerentes ao fenómeno da vitimização.

## 5. REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M., & Bowlby, J. (1991). An ethological approach to personality development. *American Psychologist*, vol.46, pp 333-341.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, pp 887-907.
- Baumrind, D. (1967). Child care practices antecedent to three patterns of preschool behavior. *Genetic Psychology Monographs*, 75, pp 43-88.
- Blos, P. (1985). *Adolescência - uma interpretação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2002). Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de psicologia*, 7 (2), pp 227-235.
- Booth-LaForce, C., Oh, W., Kim, A. H., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., & Burgess, K. (2006). Attachment, self-worth, and peer-group functioning in middle childhood. *Attachment & Human Development*, 8(4), pp 309-325.
- Bowker, J. C., Rubin, K. H., & Burgess, K. B. (2006). Behavioral characteristics associated with stable and fluid best friendships patterns in Middle Childhood. *Merrill-Palmer Quarterly*, Vol. 52, N° 4, pp 671-683.
- Bowker, J. C., Rubin, K. H., Rose-Krasnor, L., Force, C. B.-L., & Burgess, K. (2006). The best friendships of Shy/Withdrawn Children: prevalence, stability, and relationship quality. *Journal of Abnormal Child Psychology*, Vol. 34, N° 2, pp 143-157.
- Bowlby, J. (1973). *Attachment and Loss: Vol.2: Separation*. New York: Basic Books.
- Bowlby, J. (1988). *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1990). *Apego e Perda, Vol 1 - Apego*. Brasil: 2ª Edição brasileira.
- Bretherton, I. (1992). The origins of Attachment Theory: John Bowlby and Mary Ainsworth. *Development American Psychologist*, Vol. 28, n° 5, pp 759-775.
- Brown, B., Lamborn, S., Mounts, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting practices and peer group affiliation in adolescence. *Child Development*, 64, pp 467-482.

- Calbo, A., Busnello, F. d., Rigoli, M. M., Schaefer, L. S., & Kristensen, C. H. (2009). Bullying na escola: Comportamento agressivo, vitimização e conduta pró-social entre pares. *Contextos Clínicos*, 2 (2), Nº 1, pp 73-80.
- Calheiros, M. M., Garrido, M. V., & Santos, S. V. (2011). *Crianças em Risco e Perigo - contextos, investigação e intervenção*. Lisboa: Edições Silabo.
- Cardoso, J., & Veríssimo, M. (2013). Estilos parentais e relações de vinculação. *Análise Psicológica*, 4, pp 393-406.
- Carvalhosa, S. F., Lima, L., & Matos, M. G. (2002). Bullying- A provocação/vitimização entre pares no contexto escolar português. *Análise Psicológica*, 4, pp 571-585.
- Correia, J., Santos, A. J., Freitas, M., Rosado, A., & Rubin, K. (2014). Análise factorial confirmatória do Extended Class Play numa amostra Portuguesa de Jovens Adolescentes. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 27 (3), pp 462-471.
- Cortés, R., & Cantón, J. (2000). Ambiente familiar y dificultades de adaptacion de los hijos. *Suma psicológica*, vol.7, nº 1, pp 33-49.
- Darling, N., & Steinberg, L. (1993). Parenting styles as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, pp 487-496.
- De la Torre-Cruz, M., Garcia-Linares, M., & Casanova-Arias, P. (2014). Relationship between parenting styles and aggressiveness in Adolescents. *Electronic Journal of research in Educational Psychology*, 12 (1), pp 147-170.
- Erikson, E. (1972). *Identidade, juventude e crise*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Faria, A., Santos, P. L., & Fuertes, M. (2014). Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes. *Análise Psicológica*, 4 (XXXII), pp 419-437.
- Ferreira, D., J.Santos, A., Ribeiro, O., Freitas, M., & Correia, J. V. (2013). Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. *Análise Psicológica*, 2, pp 117-127.
- Ferreira, P. M. (1997). *Vitimização juvenil*. Lisboa: Centro de estudos judiciais.
- H.Rubin, K., Bowker, J., & Gazelle, H. (2010). *The development of shyness and social withdrawal - Social withdrawal in childhood and adolescence: peer relationships and social competence* . New York- London: The Guilford press.
- L.Healy, K., R.Sanders, M., & Iyer, A. (2015). Parenting practices, children's peer relationships and being bullied at school. *J Child Fam Stud*, pp 127-140.

- Leal, I. (2005). *Psicologia da Gravidez e da Parentalidade*. Fim de Século.
- Lee, A., & Hankin, B. (2009). Insecure attachment, Dysfunctional attitudes, and Low Self Esteem predicting prospective symptoms of depression and anxiety during adolescence. *J Clin Child Adolesc Psychology*, 38 (2), pp 219-231 .
- Levisky, D. (1998). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Macarini, S. M., Martins, G. D., Minetto, M. d., & Vieira, M. L. (2010). Práticas parentais: uma revisão da literatura brasileira. *Arquivos brasileiros de psicologia*, vol.62, nº 1.
- Malpique, C. (1990). *Ausência do pai*. Edições Afrontamento.
- Marujo, H. Á. (1997). *Família: contributos da Psicologia e das Ciências da Educação - Actas: as práticas parentais e o desenvolvimento socio-emocional - propostas para uma optimização de recursos e de resultados*. Lisboa: Educa.
- Matos, A. C. (2002). *Adolescência: o triunfo do pensamento e descoberta do amor*. Lisboa: Climepsi.
- Matos, M. G. (2008). A saúde do adolescente: o que se sabe e quais são os novos desafios. *Análise Psicológica*, 2, pp 251-263.
- Maxwell, J. A., Spielmann, S. S., Joel, S., & MacDonald, G. (2013). Attachment theory as a framework for understanding responses to social exclusion. *Social and Personality Psychology Compass*, pp 444-456.
- McDowell, & Parke. (2009). Parental correlates of children's peer relations: An Empirical test of a Tripartite Model. *Developmental Psychology*, Vol.25, Nº 1, pp 224-235.
- Medeiros, M. T. (2000). *Adolescência: abordagens, investigações e contextos de desenvolvimento*. Lisboa: Direcção Regional da Educação.
- Menzer, M., Oh, W., McDonald, K. L., H.Rubin, K., & Dashiell-Aje, E. (2010). Behavioral correlates of peer exclusion and victimization of East Asian American and European American young adolescents. *Asian American Journal of Psychology*, vol 1, nº 4, pp 290-302.
- Oliveira, W. A., Silva, J. L., Yoshinaga, A. C., & Silva, M. A. (2015). Interfaces entre família e bullying escolar: uma revisão sistemática. *Psico-USF*, vol. 20, nº 1.
- Olweus, D. (1994). *Bullyin at school. Long-term outcomes for the victims and effective school-based interventions program in L. Rowell Huesmann*. New York: Wiley.

- Olweus, D. (1997). Bully/Victim problems in school: facts and intervention. *European Journal of Psychology of Education*, Vol. 12, Nº 4, pp 495-510.
- Ozen, D. S., & Aktan, T. (2010). Attachment and being in Bullying system: Mediational role of coping strategies. *Turkish Journal*, 25 (65).
- Pires, A. (2001). *Crianças (e pais) em risco*. Lisboa: ISPA.
- Rocha, M., Mota, C., & Matos, P. (2011). Vinculação à mãe e ligação aos pares na adolescência: o papel mediador da auto-estima. *Análise Psicológica*, 2, pp 185-200.
- Rubin, K. H., & Coplan, R. J. (2004). Paying attention to and not neglecting social withdrawal and social isolation. *Merrill-Palmer Quarterly*, Vol.50, Nº 4, pp 506-534.
- Rubin, K. H., & Mills, R. S. (1988). The many faces of social isolation in Childhood. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, Vol.56, Nº 6, pp 916-924.
- Rubin, K., Coplan, R., & Bowker, J. (2009). Social withdrawal in childhood. *Annual Review of Psychology*, 60, pp 141-171.
- Sá, M. T. (2009). Angústias precoces, rêverie materna, destinos da violência. *Interações*, Nº 13, pp 338-352.
- Salvio, C. G., Silveiras, E. F., & Toni, P. M. (2005). Práticas educativas como forma de predição de problemas de comportamento e competência social. *Estudos de psicologia*, vol.22, nº 2.
- Saud, L. F., & Tonelotto, J. M. (2005). Comportamento social na escola: Diferenças entre gênero e séries. *Psicologia Escolar e Educacional*, Vol.9, Nº 1, pp 47-57.
- Simões, S., Farate, C., & Pocinho, M. (2011). Estilos educativos parentais e comportamentos de vinculação das crianças em idade escolar. *Interações*, nº 20, pp 75-99.
- Soares, I., Martins, E., & Tereno. (2009). *Vinculação na infância. In Relações de vinculação ao longo do desenvolvimento: teoria e avaliação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Veríssimo, M., & Santos, A. J. (2008). Desenvolvimento Social: Algumas considerações teóricas. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), pp 389-394.
- Veríssimo, M., Fernandes, C., Santos, A., Peceguina, I., Vaughn, B., & Bost, K. (2012). A relação entre a qualidade da vinculação à mãe e o desenvolvimento da competência social em crianças de idade pré-escolar. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24 (2), pp 292-299.

- Wainryb, C., Komolova, M., & Brehl, B. (2014). Children's narrative accounts and Judgments of their own Peer-Exclusion Experiences. *Merril-Palmer Quarterly*, VOL. 60, N° 4, pp 461-490.
- Waters, E., Merrick, S., Treboux, D., Crowell, J., & Albersheim, L. (2000). Attachment Security in Infancy and Early Adulthood: A Twenty-year longitudinal study. *Child Development*, Vol. 71, N° 3, pp 684-689.
- Waters, E., Weinfiels, N. S., & Hamilton, C. E. (2000). The stability of Attachment security from Infancy to Adolescence and Early Adulthood: General Discussion. *Child Development*, Vol. 71, N° 3, pp 703-706.
- Weber, L. N., Prado, P. M., Viezzer, A. P., & Brandenburg, O. J. (2004). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), pp 323-331.
- Williams, K. (2011). *Bullyin and attachment styles*. Electronic Theses & Dissertations.